

# alameda digital

actualidades, ideias e cultura

## Preparando um Centenário

por João Marchante

António Lopes Ribeiro (Lisboa, 1908 — Lisboa, 1995) é cineasta, jornalista e crítico de Cinema. Entenda-se aqui a palavra Cineasta na sua acepção total: Lopes Ribeiro foi realizador, argumentista, produtor, director artístico e montador. Temos, assim, um homem que respira Cinema.

Estudou engenharia no Instituto Superior Técnico, mas logo o abandonou, em 1929, para se entregar à Sétima Arte a tempo inteiro.

Nos anos 20, dedica-se ao jornalismo; e, estreia-se na crítica cinematográfica no *Diário de Lisboa* com uma página própria, «Arte Cinematográfica — O Claro-Escuro Animado», onde usa as iniciais “A. R.” e o pseudónimo “Retardador”, a partir de 1927; esta rubrica terá sido a primeira — em todo o Mundo — dedicada exclusivamente ao Cinema num jornal diário. De seguida, funda e dirige as revistas especializadas *Imagem* (1928), *Kino* (1930) e *Animatógrafo* (1933). Colabora ainda, ao longo de toda a sua longa vida, nas seguintes publicações, entre outras: *A Bola*, *Diário Popular*, *Cine-Jornal*, *A Revista de Portugal* e *A Rua*.

Inicia-se como Realizador em 1928 — aos 20 anos de idade — com o documentário artístico *Bailando ao Sol*. Lança-se, a partir daí, numa carreira que terá mais de 100 títulos e que só será interrompida, à força, em 1974. Nessa vasta Obra, encontramos documentários, adaptações literárias, dramas e comédias. O arranque da sua actividade cinematográfica encontra-se fortemente enraizado nos conhecimentos técnicos que adquiriu em visitas aos Estúdios alemães e russos (um bom exemplo da Estética quebrando fronteiras políticas).

Foi, enquanto teórico, um apologista do Cinema Sonoro, contrariando muitos dos seus camaradas de ofício da época, que viam no Sonoro um desvirtuar do Cinema como forma de expressão artística, pois passaria a ser — segundo eles — um mero meio de reprodução da realidade. Lopes Ribeiro viu, antes de todos, que o Som — se bem utilizado — poderia ajudar o Cinema a crescer como Arte. Assim foi.

Os seus Documentários são, na sua maior parte, encomendas do Estado Novo, através de vários Organismos. Mostrar-se-á, neste domínio, um Autor rigoroso, do ponto-de-vista Histórico, e com um fino sentido estético. Destacaria, nesta área, os seguintes Documentários: *A Exposição do Mundo Português* (1941), *Inauguração do Estádio Nacional* (1944), *A Morte e a Vida do Engenheiro Duarte Pacheco* (1944), *O Cortejo Histórico de Lisboa* (1947), *Jubileu de Salazar* (1953), *Rainha Isabel II em Portugal* (1957). Se quisermos conhecer a História de Portugal do Século XX, teremos de vê-los a todos — dezenas de títulos, de semelhante nível técnico-artístico e igual valor Histórico, repartidos entre curtas-metragens e longas-metragens documentais. Um olissipógrafo que se preze deverá visionar os seus documentários sobre Lisboa, antes de escrever o que quer que seja sobre a antiga Capital do Império.

Quanto ao Cinema de Ficção, Lopes Ribeiro saberá integrar muito bem nas suas equipas um conjunto de luxo de técnicos provenientes da Alemanha e assegurar, desta forma, um sentido visual apurado — na luz, nos enquadramentos e nos movimentos de câmara — nos seus Filmes. A sua primeira Longa-Metragem de Ficção — *Gado Bravo* (1934) — irá logo deixar bem à vista do público essas marcas. Note-se que a propósito desta Fita rodou um Documentário (“*making-of*”, no vocabulário técnico de hoje; coisa inédita à época).

António Ferro — que sabia, como ninguém, detectar talentos — vai desafiá-lo a rodar uma Película sobre a Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926, a fim de Comemorar os seus 10 anos. O Argumento é escrito por António Lopes Ribeiro e pelo próprio António Ferro (com os pseudónimos de Baltazar Fernandes e Jorge Afonso, respectivamente) e terá a produção assegurada pelo Secretariado de Propaganda Nacional. (Sobre esta Fita — *A Revolução de Maio* (1937) —, não resisto a lembrar aqui o sucedido, há uns anos atrás, quando algum *especialista* de programação da RTP decidiu exhibir este Filme, no 1.º de Maio, julgando tratar-se de Película panegírica da data. Ia caindo o Carmo e a Trindade!)

A partir de 1938, na sua nova responsabilidade de Director Artístico da Missão Cinegráfica às Colónias de África, visita e trabalha — supervisionando e dirigindo produções — nas Províncias Ultramarinas. Resultante desta aproximação a África, surge *Feitiço do Império* (1940); ainda hoje um Filme de enredo cativante, e a necessitar de urgente reposição para que as novas gerações digam de sua justiça.

Em 1941, cria as Produções Lopes Ribeiro, com o objectivo de produzir longas-metragens de ficção, ou filmes de fundo, entre os quais temos a nata do Cinematografia Portuguesa do Século XX: *O Pátio das Cantigas* (1942), de Francisco Ribeiro (seu irmão Ribeirinho); *Aniki-Bóbo* (1942), de Manoel de Oliveira; *Camões* (1946), de Leitão de Barros; para além de todas as Comédias Portuguesas que iluminaram a Idade de Ouro do Cinema Nacional.

Para podermos avaliar convenientemente a genialidade heterodoxa deste Autor, esplanada em géneros cinematográficos tão distintos, basta referir *O Pai Tirano* (1941), que representa um certo paradigma da Comédia Portuguesa, e *Amor de Perdição* (1943), exemplo perfeito de como se pode obter êxito comercial com adaptações de qualidade de Clássicos da Literatura Portuguesa.

Toda esta Obra Cinematográfica foi construída a par de uma outra carreira como Homem de Teatro. Fundou a Companhia «Os Comediantes de Lisboa», que actuou sucessivamente no Teatro da Trindade, no Teatro Avenida e no Teatro Apolo; e, em 1952, fundou o «Teatro do Povo», que levou à cena desde Gil Vicente a Peças da sua autoria.

Numa outra frente, traduziu Tchekov, Maeterlinck, Pagnol, Maugham e Giradoux, entre outros.

Como Escritor, publicou *O Livro de Aventuras* (1939) e *O Livro das Histórias* (1940) — colectâneas de sonetos e poemas; editou ainda as várias compilações das suas crónicas, destacando-se: *Esta Pressa de Agora* (1962), *Anti-Coisas & Tele-Coisas* (1963) e *Belas-Artes & Malas-Artes* (1964).

Na Televisão, ficou na memória de várias gerações de famílias portuguesas com o seu Programa semanal «Museu do Cinema», fazendo dupla com o famoso pianista *mudo* António Melo, entre 1957 (ano de fundação da RTP) e 1974 (ano do não desejado fim da sua brilhante carreira).

No nosso imaginário colectivo, ressoam ainda também as deliciosas e sincopadas quadras do seu *Procissão*, imortalizadas pela voz única de João Villaret.

Entretanto, hei-de cá voltar para continuar a falar de António Lopes Ribeiro; preparando, assim, a Comemoração — à minha maneira — do Centenário do seu nascimento. Não perdem pela demora.